

# Vicenzo

Caterina Blacher Picorelli

A tarde cai desvanecida por entre a luz de uma estrela que começa a aparecer no céu. Impressionante como o entardecer de hoje já não é mais como há algum tempo. Parece que minha amargura atinge até mesmo a cor avermelhada do despedir do sol. Desconheço o desfecho da situação na qual me encontro. Passaram-se dois anos e nada mudou. O que pode acontecer agora? Não tenho esperanças de que algo melhore. Não percebo sequer a beleza de uma flor que nasce toda manhã no jardim de minha casa – grande casa, estilo moderno, no centro da cidade, rodeada por um chamativo jardim que alegra todos os que passam pela Rua da Matriz.

Vou lhe contar o que ocorrera comigo para que você também, leitor, não pense que sou um louco qualquer que fugiu do manicômio. O motivo pelo qual estou nessa situação, meu amigo, é simplesmente a morte de Vicenzo. Eu matei Vicenzo. Não, não venha você também virar as costas para mim chamando-me de insano. Relatar-lhe-ei o fato.

Éramos eu e Vicenzo. Mamãe estava na Europa. Viagem de férias. Parentes em Milão. Família grande. Metade italiana, a outra suíça. De praxe era passar férias nas casas dos parentes, intercalando o recesso do meio do ano em Milão, e o do final em Zurique. Eu e Vicenzo não gostávamos de sair de casa, portanto, ficamos. As nossas férias eram tranquilas, acordávamos cedo. Ele puxava meu lençol todos os dias, impreterivelmente às seis da manhã. Olhava fixamente em meus olhos, como quem dizia me amar. Vicenzo sempre me dera, desde sua chegada, tudo o que eu poderia sonhar. Acariciava meu rosto, demonstrava todo o carinho que alguém pode almejar em sua vida. Não olhava para mim como os outros, julgando-me por minha aparência, já que eu era um homem gordo, complexado pela monstruosidade de meu tamanho.

Vicenzo era meu único amigo, cúmplice, companheiro. Não havia nada que eu fizesse e que ele não soubesse. Quando o destino encarregava-se de obrigar-me a sair de casa, Vicenzo estava ali, a meu lado, acompanhando-me em toda e qualquer situação, apoiando-se em meu ombro, transmitindo-me a segurança que eu necessitava, pois apesar do corpulento físico, sempre fora muito carente além de me sentir humilhado pela feiúra que a natureza me impunha.

As lágrimas agora caem de meus olhos. Escorrem como um rio que segue o caminho longínquo por entre meandros à procura do mar. Encarregam-se de umedecer meu queixo, meu tórax. Sinto-me vazio desde o dia da morte de meu amigo. Escuto Ravel na velha radiola 1972 trazida de Zurique por mamãe alguns anos atrás. Esse bolero lembra-me tanto meu querido Vicenzo! Era a nossa música. Escutávamo-na todas as tardes, e ele a cantarolava como quem tenta alcançar o ritmo quebrado da música através de uma melodia partida e inconstante. No manicômio

eu não tinha a radiola. No manicômio eu não tinha ninguém, não tinha Vincenzo. Eu matei meu ilustríssimo companheiro!

\*\*\*

Desde a morte de Vincenzo, nunca mais fui o mesmo. Como lhe disse antes, ele era o meu único amigo. Contar-lhe-ei, sem mais rodeios, toda esta história de sangue que circunda meu destino e que como uma chaga marcara meu peito eternamente.

Na tarde do crime – sim, fora um crime – mamãe ainda estava em Milão. Embarcara no mesmo dia, ao saber da funesta morte que abalara meus nervos. Quando chegou em casa, todo o enterro já estava preparado, eu desejava um funeral digno. Porém, me entregaria à polícia após a celebração da morte de meu amigo. Queria uma banda, tocariam a marcha fúnebre, e no momento em que o caixão fosse posto por baixo de terra, deveriam seguir o ritmo de Ravel. Assim queria eu, e assim fora a despedida de Vincenzo.

Quando mamãe me encontrou, vários homens de branco a acompanhavam. Diziam ser da polícia. Desconfiei. Nunca tive problemas de distúrbio psíquico, não acreditaria numa história assim. Policiais de branco? Por quê? Mesmo desconfiado, dei um voto à minha mãe. Acompanhei os supostos policiais, afinal, minha intenção era entregar-me a eles após o funeral.

Muito estranhei, pois não recolheram sequer meu depoimento, simplesmente levaram-me para um quarto de paredes verde água, onde se encontravam vários outros detentos. Todos tinham uma aparência estranha, como se estivessem dopados, doentes. Eu não era doente! Eu era um assassino! Deveria estar isolado em uma cela para homicidas perigosos, era assim que me sentia. Não entendem que matei o meu melhor, o meu único amigo?

Comecei a gritar ao notar que não estava em uma penitenciária, e então em minha direção veio um senhor de meia-idade, seringa na mão. Era claro que desejava me envenenar, e ao me sentir ameaçado, em um gesto instintivo, tal qual o de um animal feroz, mordi sua mão enrugada. O senhor, que outrora tinha uma expressão de tranquilidade no olhar, me mobilizou de tal forma pelos pulsos que não conseguia me movimentar. Impossível acreditar na força que o velho tinha e na rapidez com a qual aplicara em mim a injeção.

Não vi mais nada.

No dia seguinte, minha mãe foi me visitar. Indaguei a ela se não teria havido um engano, eu deveria estar preso, em uma cela, em uma penitenciária. Quis saber que tipo de prisão era aquela. Mamãe, delicadamente, disse que eu estava em um manicômio, que a morte de Vincenzo não era minha culpa e um ato de total insanidade era eu querer pagar por isso, pois o acontecido não havia sido um crime. Como não? Matar a quem mais se ama não é um crime? Ademais, eu não era louco, não devia estar num hospício. Mamãe, detentora de tal hipótese medíocre sobre a morte de Vincenzo,

é quem deveria ser internada. Gritos másculos saíram de minha garganta. Braços e pernas balançaram no ar. Todo o hospital parou para ver o que acontecia na sala de visitas. Agi com a violência típica de quem está revoltado por perder o grande amor de sua vida. E eu tinha perdido, graças a mim, aquele que estava ali, sempre a meu lado, me acariciando, me tratando como um rei. Um grande e pesado rei.

Depois desse dia mamãe nunca mais me procurou. Os dias custavam a passar, não havia mais radiola nem Ravel. O ritmo não era o mesmo, nem sequer existia melodia. As tardes eram fúnebres, escuras, amarguradas. A sensação de solidão era quase a mesma que sinto agora ao escrever estas palavras que somente você lerá. Durante as manhãs eu sentava num banco de jardim do hospital e durante horas me indagava o porquê de ter matado Vincenzo. Como sentia sua falta! Pelas tardes, me trancava no quarto e fechava as janelas, pois o entardecer me lembrava a todo instante de nossa música, ou de quando apreciávamos, eu e ele, quadros de Picasso e Miró. Vincenzo tinha uma adoração especial pelo Guernica, e quando eu folheava os livros de arte trazidos por mamãe da Europa, fazia com que eu me detivesse pela página do Guernica para que o pudesse admirar.

As noites eram demasiadamente tristes naquele hospital. Durante dois anos não dormi voluntariamente. Sempre dopado. Dormia com o efeito dos fortíssimos remédios cujos nomes não demonstro interesse algum por memorizar. Caso não ingerisse as doses noturnas, seria capaz de recitar em voz alta, poemas de saudação a ele, a meu amor, Vincenzo, bradando para que lá nos Céus ele pudesse me escutar, e quem sabe, me perdoar e levar, com asas de anjo, para perto de si.

Dois anos se passaram entre gritos, gemidos, agulhas, injeções, mordidas, lenços, camisas de-força, poemas, doses cavalares de sedantes. Eu só pensava em Vincenzo, me culparia até o fim por sua morte. Oras, eu o matei! Era a minha vez de morrer por meu amigo. Não era justo eu sair impune dessa situação.

No dia da fuga, abri a janela de meu quarto. Ao observar as plantas do jardim no qual sempre sentava no banquinho pelas manhãs, enxerguei Vincenzo. Sim, era ele, tenho certeza de que era meu Vincenzo que cantarolava do lado de fora daquele cubículo em que me encontrava. Fui até o jardim, e não mais o vi. Fugi.

\*\*\*

A tarde cai desvanecida por entre a luz de uma estrela que começa a aparecer no céu. Impressionante como o entardecer de hoje já não é mais como há algum tempo. Parece que minha amargura atinge até mesmo a cor avermelhada do despedir do sol. Desconheço o desfecho da situação na qual me encontro. Passaram dois anos e nada mudou. O que pode acontecer agora? Não

tenho esperanças de que algo melhore. Não percebo sequer a beleza de uma flor que nasce toda manhã no jardim de minha casa – grande casa, estilo moderno, no centro da cidade, rodeada por um chamativo jardim que alegra as vistas de todos os que passam pela Rua da Matriz.

Vou lhe contar o que ocorrera comigo para que você também, leitor, não pense que sou um louco qualquer que fugiu do manicômio, ao acreditar estar diante de Vincenzo, o qual dois anos antes o matara com uma forte pisada acidental, enquanto ele se punha a bicar a barra das minhas largas calças, ao tentar chamar-me a atenção para que eu ligasse a radiola 1972.